

Biografias resumidas

INÊS MOURA (1984, Coimbra, Portugal)

Inês Moura vive e trabalha na Abrunheira, uma pequena aldeia próxima de Coimbra, no centro de Portugal. Desenvolve atividade como artista, e é investigadora na área das artes e educadora.

A sua prática artística cruza diversas linguagens — como a fotografia, o desenho, a escrita, o som, a colagem, a escultura, a instalação, o site-specific ou a performance —, procurando construir um corpo de trabalho em torno de conceitos como fronteira, lugar, identidade, pertença, percurso e migração, profundamente ligados à sua experiência autobiográfica de desterritorialização. Esta experiência foi moldada por quase doze anos a viver em São Paulo, no Brasil, de onde regressou a Portugal em Novembro de 2020. Coimbra, Lisboa e São Paulo são cidades — lugares que estruturam a sua identidade fragmentada, marcada pelas deslocações. O seu trabalho convoca frequentemente a imagem, a linguagem, o espaço material e o corpo como formas de explorar a sua relação com a Natureza, os lugares que habita e uma arqueologia estratificada da memória e da temporalidade.

É licenciada em Belas-Artes – Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL, 2009) e mestre em Artes – Poéticas Visuais e Processos Artísticos pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA-UNESP, 2013), onde apresentou a dissertação *Entre Portugal e São Paulo: um percurso artístico em processo*. Entre 2011 e 2013, integrou o GIIP – Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Arte, Ciência e Tecnologia (IA-UNESP), sob orientação de Rosângela Leote. Entre 2009 e 2011, fez parte da equipa editorial e de produção do quarto número da revista MARTE – Da Criação Artística à Intervenção Espacial, com coordenação editorial de Sara Antónia Matos.

Venceu o Prémio BES Revelação em 2009, com exposição na Fundação de Serralves. Foi bolseira do Programa Luso-Brasileiro de Bolsas de Mérito Santander Universidades (2009) e da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) durante o mestrado (2011–2013). Em 2024, foi uma das artistas selecionadas para a PEA Edition – Portuguese Emerging Art.

Realiza regularmente exposições individuais – CARVÃO (2025, MIRA Galerias); ENTRE MANHÃS (2024, Casa-Museu Bissaya Barreto); INTERSTÍCIO (2023, CAV) – e participa em coletivas, entre as quais: ENTRE CAMINHOS (2025, 35ª Ed. Encontros da Imagem - Garagem Avenida); ATLÂNTICOS (2025, Museu da Língua Portuguesa, SP); AZUL EM FESTA (2025, Museu Marítimo de Ílhavo); O VAGUEAR DO OLHAR, (2025, Edifício Chiado - Museu da Cidade de Coimbra); LOST IN TRANSLATION. DESENHO. 13 ANOS. 13 ARTISTAS (2025-26, Galeria Belo-Galsterer, Lisboa); SERPENTE INFINITA (2025, BF24); ENTRE O CÉU E A TERRA (2022, 15 Anos de MACE); ZOOM IN ZOOM OUT (2022, MNAC); CHAMA PLURAL (2016, Consulado-Geral de Portugal em São Paulo). O seu trabalho integra coleções públicas e privadas como AA | Contemporary Art Collection, Coleção Isabel e Carlos, CAV e CAPC.

Ânia Pais (1998, São Miguel, Açores)

(nascida nos Açores, e criada na Atalaia, Covilhã)

É uma artista portuguesa, sediada entre a aldeia da Atalaia (Covilhã) e Lisboa. Licenciou-se em Pintura e concluiu um mestrado na mesma área pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Expõe desde 2017, tendo participado em exposições coletivas e individuais em Portugal, na Grécia, França, Estados Unidos e Canadá. Em 2020 inicia o mestrado em Pintura pela FBAUL sendo a instalação o foco principal da sua investigação, tendo a experiência da paisagem como fonte de inspiração. Ao longo do seu processo tem colocado especial importância na participação em residências artísticas, como forma de expandir a sua pesquisa e aprofundar o seu processo de trabalho. Em 2023 é premiada com a Bolsa Rama – Residências Artísticas, no âmbito do Prémio Arte Jovem 8ª Edição, Fundação Millennium BCP e Carpe Diem Arte e Pesquisa. Em 2024 realiza uma residência artística com Cultivamos Cultura em S. Luís (Odemira) Alentejo, é também selecionada para o Project Rooms - Bienal Fotografia do Porto e é ainda bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (@gestoninho). Integra a coleção António Cachola.

Vs. PT

31.03.
-30.05.
2026

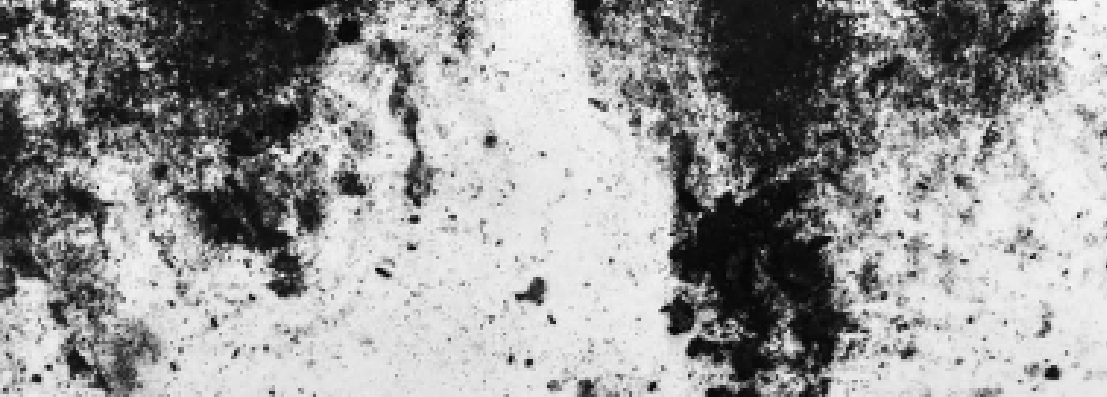
INÊS MOURA

Carvão

ÂNIA PAIS

Começo, meio e começo

uma co-curadoria de
Alda Galsterer
& Alexia Alexandropoulou



Carvão

de Inês Moura

„Die Bäume sind Gedichte,
die die Erde in den Himmel schreibt.“
Johann Wolfgang v. Goethe 1

Como uma fénix...

Começo este texto para a primeira exposição individual de Inês Moura – “Carvão” – com uma citação de Goethe, que evoca uma imagem poética celebrando a ligação entre a terra, as árvores e o céu, refletindo a sua profunda ligação com a natureza – como fonte de conhecimento, descanso e força espiritual.

Na obra de Inês Moura, encontramos um fascínio similar, é na natureza e na floresta que realiza as suas caminhadas que lhe trazem inspiração para o seu trabalho: “prática à qual recorro com frequência como forma de observar o mundo que me rodeia e como método de criação artística”² (cit. artista, 2021).

A origem desta exposição situa-se na sala mais pequena da galeria, com uma peça de carvão que Moura achou em 2021 numa floresta queimada, e da qual passa para o primeiro conjunto de obras – a frottage desse mesmo bocado de carvão que cobre como um friso as paredes desta sala, a imagem que emerge na frottage, relembra-nos a forma pulmonar humana, traçando dessa forma um paralelismo entre o órgão humano e naquilo que as florestas significam para a nossa vida em terra, onde exercem exatamente a mesma função.

O carvão é o restício de um fogo que destruiu uma floresta, tornando um mundo a cor num mundo mais escuro em tons de preto e cinza.

E assim, diz a artista, aconteceu que “do mesmo pedaço de madeira queimada, surgiram diferentes processos de descoberta plástica e escrita gráfica, que adquiriram a forma de desenhos, fotografias, colagens, e frottage, explorando as diversas materialidades e significados que o carvão, enquanto matéria plástica pode assumir”.

Ainda para esta nova apresentação no espaço da Galeria Belo-Galsterer nasceram novos desenhos a partir de restícios da primeira em 2021, atualizando com uma nova linguagem os trabalhos que deram origem em primeiro lugar a esta caminhada.

A partir desta sala mais pequena da galeria que se liga à sala grande, a exposição desdobra-se em várias obras nas salas restantes, o tríptico na entrada que nos mostra um caminho em três tempos, e nos convida a explorar esta mostra com atenção. A obra que acompanha é um desenho que depois tem encontro marcado com os seus pares na sala grande, retomando a ideia do desenho a carvão, transformando-o em fotografia, e a exposição que continua na sala grande é como uma instalação única, renascida das cinzas...

Alda Galsterer, março de 2026

1 Citação de Johann Wolfgang von Goethe (séc. XVII) “As árvores são como poemas que a terra inscreve no céu” (trad. da própria escritora) cuja ligação à floresta era fortíssima; mais que paisagem, a floresta era lugar de recolha, símbolo da vida e da natureza, bem como objeto da sua curiosidade científica.

2 Todas as citações da artista foram recolhidas a partir da folha de sala da exposição *Carvão*, apresentada em 2021, na Mira Galerias, Porto.



Começo, meio e começo

de Ania Páis

A prática de Ania Pais desenvolve-se a partir de uma relação próxima com a terra. O seu trabalho emerge através de gestos moldados por saberes herdados, pelo trabalho manual e pela persistência da memória. O que toma forma é uma estrutura viva, na qual família, território e história permanecem em diálogo constante.

Nesta instalação, um longo tecido branco suspende-se de um pedaço de madeira, estendendo-se até ao chão, onde pousa sobre uma superfície de carvão. O tecido transporta marcas visíveis do seu processo de feitura. As suas extremidades ficam abertas, com fios a cair, como se a obra resistisse a um encerramento.

Há um forte sentido de descida. O material não se limita a suspender-se; ele cai, chega, instala-se. Ao chegar ao chão, encontra o carvão, um material ligado à memória do fogo. A suavidade do tecido e a fragilidade do carvão criam uma oposição. Surge como um ponto de contacto onde diferentes estados se encontram.

A presença da madeira é importante aqui. Sustenta o tecido, mas também reconduz a obra à sua origem. Algo cortado e moldado, que ainda transporta a sua própria história. Entre a madeira acima e o carvão abaixo, a peça estende-se por diferentes momentos de transformação.

O título, *Começo, meio e começo*, ajuda a orientar a leitura. Não descreve uma ordem clara. Assim, o início não está apenas no começo, e o fim nunca é totalmente um fim. As coisas regressam, deslocam-se e recomeçam a partir de outro ponto. Isto torna-se também visível na forma como a obra é construída. O tecido vem de cima, mas só existe plenamente quando alcança o chão. O carvão funciona como um espaço intermédio. Torna-se um estado onde algo já se transformou e, ao mesmo tempo, o ponto a partir do qual algo mais pode recomeçar.

O tempo aqui não se move de forma linear. Dobra-se, sobrepõe-se e permanece presente. O mesmo pode ser dito do corpo. Tal como a água, move-se entre diferentes estados sem desaparecer. As formas verticais nesta obra parecem acompanhar este movimento. Repetem-se, mas nunca da mesma forma. No pensamento de Gaston Bachelard, a matéria nunca é apenas matéria; transporta memória. Aqui, essa memória não é fixa. Desloca-se, assenta e continua.

Não há um ponto final claro. Apenas um momento em que as coisas se encontram, repousam brevemente e continuam, já moldadas pelo que veio antes.

Alexia Alexandropoulou, março 2026

Referências:

Gaston Bachelard, *The Poetics of Space*, 1958